



## Eagleton e a crítica: a velha senhora que retorna de longe

EAGLETON, Terry; BEAUMONT, Matthew. **A tarefa do crítico: diálogos com Terry Eagleton.** Tradução Matheus Corrêa. São Paulo: Unesp, 2010. 430 p. ISBN 9788539300495.

**Paulo Sérgio Nolasco dos Santos**

*Universidade Federal da Grande Dourados. R. João Rosa Góes, 1761, 79825-070, Vila Progresso, Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil.  
E-mail: paulonolasco@uol.com.br*

‘A tarefa do crítico’ resulta de consistente projeto de ‘entrevistas’ que Beaumont arquitetou como ‘catedral’ do pensamento do mais provocador intelectual e crítico literário de nosso tempo - Terry Eagleton. Nome afeito a diatribes, cuja obra revelou dilaceradoras marcas de sua (nossa) modernidade profícua em cultivar ideias polemizantes, germinando numa ‘episteme’ comprometida não só com a revisão do passado, mas sobretudo com a reescritura e balanço da história das ideias. Deste livro, muito se pode argumentar pró ou contra o percurso do intelectual que começou já aos 21 anos a ministrar aulas na Universidade, e daí a ocupar os mais prestigiosos postos acadêmicos, produzindo vasta bibliografia em livros e ensaios absolutamente indispensáveis à reflexão filosófica e humanística da geração contemporânea (escreveu sobre Shakespeare, as Brontës, peças e romances, e só em 2003 publicou três livros, dentre outros). Terminada a leitura, apercebi-me do intelectual que teve de aprender uma travessia adentro do pensamento do qual era partícipe, carregando pregnâncias e pertencimento num ‘frame’ do qual não podia/pôde desembaraçar-se. ‘A tarefa do crítico’ deixa à mão o desafio do pensamento e em especial o do julgamento durante o próprio desenrolar dos acontecimentos no seu devir socio-histórico e discursivo, no embate entre a diversidade de práticas culturais e a presumível onipotência, dificultando a análise mais conclusiva, porque delas toma parte enquanto testemunha (histor/testemunha). O que lembra o próprio Eagleton na crítica a Said: humanista à moda antiga, forçado pelas exigências da sua história pessoal a contestar a tradição na qual fora criado. Também critica Althusser nas confusas apropriações de Lacan e mostra relativa reserva com Derrida; vaticina que o populismo não é a única alternativa ao elitismo e que o conflito entre capitalismo e ‘Alcorão’ constitui metanarrativa do após pós-modernismo. Que a guerra ao terror não se traduz em civilização e barbarismo, mas entre

civilização e cultura. Assim, confirma sua visão trágica do mundo, em oposição ao humanismo liberal, vinculando-se aos estudos sobre a tragédia e ênfase na condição à La’ Yeats - versejando que só quando começamos a aceitar a vida em termos de tragédia é que melhor entendemo-la.

Com efeito, não causa espécie a resposta curta e grossa que Eagleton formula, no livro, à última pergunta do seu ilustre entrevistador: “Então qual é a tarefa do crítico?”. Aliás, essa ‘interrogação’ brota bem no início, atravessando o livro como a figura que estampa sua capa, a de uma caneta que literalmente atravessa perfurando o livro e amarfanhando suas folhas, imprimindo forte significação e iluminador paratexto do ‘diálogo’ que compõe essas páginas. Até chegar ali, à última pergunta, o leitor deverá acompanhar toda a arquitetura do livro, cada um dos seus onze capítulos e a formidável densidade cerebral tornando-se potência de vontade em cada argumento, que, antes do que responder ao entrevistador, resulta em ampliada especulação do próprio Eagleton e do diálogo não menos importante que soube travar, às vezes ‘provocado’ e provocativo por parte de colegas tão importantes como Wittgenstein, Lukács, Goldmann, Althusser, Benjamin, Brecht, Adorno, Lacan, Jameson e Žižek. Além, dentre todos, do próprio Raymond Williams, que fora seu professor e enquanto isso formatava a teoria dos Estudos Culturais, com profunda influência na vida e na obra de Eagleton, cujo mestre exercera papel de iniciação das convicções eagletonianas, que se comprova ao longo das bem articuladas e também diversas (dentre elas mesmas) perguntas elaboradas por Beaumont. Depois falará da sua convivência com Jameson, na University of Califórnia, em 1976. Ao folheá-lo, o livro dá a impressão inicial de uma algaravia de discussões, ‘à la’ trabalho monográfico, pouco ou nada atraente para um leitor que espera encontrar o Eagleton de ‘Depois da teoria’, mas chega ao final com um sentimento peculiar de emaranhamento

tanto da própria organização do livro quanto das retomadas, antecipações e denegações que exigem criterioso empenho de leitura (lápiz à mão e anotações), ler levantando a cabeça (como queria Barthes), mais por extravio que por interesse na ‘abordagem/perguntas’ de Beaumont. Decerto que o fato de o livro ser ‘um perfil biográfico’ do Autor corrobora este modo de leitura ‘desorientada’, num intrincado de subjetividade e ‘emaranhamentos’ espelhados entre as inúmeras ‘personas’ chamadas ao confronto, associado a laivos de subjetividades interagindo entre entrevistador e entrevistado.

A meu ver, apenas a ‘Introdução’ estabelece com o leitor um elo eficaz em relação ao pacto de leitura, assumindo provocativo estímulo à leitura e justificativa daquele ‘perfil biográfico’ que, na realidade, se torna meio inosso, até porque Eagleton já tinha publicado *The Gatekeeper*, o livro de suas memórias. A ênfase na ‘Introdução’ é pertinente, devida à referência aos anos de 1930, quando Walter Benjamin fizera anotações para um ensaio intitulado ‘A tarefa do crítico’, anotando que ‘quanto mais importante é o crítico, mais ele evitará afirmar suas opiniões categoricamente’. Daí derivando a proposta inteira do livro na ‘forma interrogativa’, assim potencialmente apto a convidar ‘o leitor a participar de algo que é, em todo caso, um diálogo’. Com isso, aceitamos o pacto do livro pervagando por linhas e sentidos frequentemente redutores das várias obras e da complexidade do pensamento de Eagleton, concordando serenamente que estamos a ler um crítico cuja postura mais exemplar seria a de quem não abre mão de ‘continuar a pensar’, de continuar a se desenvolver e mudar em resposta a novos desafios intelectuais, como referira Stuart Hall.

Escusado é dizer que, desde a infância, Terry Eagleton acostumara-se a uma disposição voluntariosa, aos quinze anos estava indo para Cambridge, já sabia que não queria ser um maquinista, mas um intelectual de esquerda, expressão com a qual já tinha familiaridade. Disso tudo sobrevém o ardor e felicidade com que Eagleton ia recebendo sua aceitação e ingresso na ‘academia’, como na vaga para Trinity. Cresce em entusiasmo ao lembrar do fato de que frequentara Cambridge no início de 1960, esse ‘sistema de classes’ que Williams já frequentara em 1940, e Hall em Oxford na década de 1950. De qualquer forma, o humanismo que quer justificar resulta, ainda a meu ver, de fortes convicções (con)fundidas com ideia de herança e patrimônio, mistura de saber e ética que servira para defender e ilustrar uma certa ideia de homem; hoje talvez valeria o finca-pé dos comparatistas que o vêem na direção mais terrena do homem como tema de análise, reflexão e debate. Dentre seus posicionamentos críticos, aclara-se o fraco empenho sobre a crítica de artes visuais, teatro e cinema. Respondendo, ao final, que a tarefa do crítico socialista não seria simplesmente escrever sobre Henry James sob a ótica marxista, e conclui convidando à crença de que esta tarefa, da crítica, ainda está por vir (assim como o Messias) e que não deseja estar desarmado quando ela/ele chegar.

*Received on April 13, 2011.*

*Accepted on April 20, 2011.*

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.